

**Efemeridade e permanência: a tecnologia na
construção de uma memória jornalística**

**Ephemerality and permanence: the technology in the
construction of a journalistic memory**

**Fugacidad y permanencia: la tecnología en la
construcción de una memoria periodística**

Maria Cristina Gobbi

Universidade Estadual paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) (Brasil)

mcgobbi@terra.com.br

Juliana Gobbi Betti

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (Brasil)

jugobbibetti@gmail.com

Ingrid Pereira de Assis

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (Brasil)

ingrid.p.assis@hotmail.com

Fecha de recepción: 9 de marzo de 2017

Fecha de recepción evaluador: 25 de abril de 2017

Fecha de recepción corrección: 4 de mayo de 2017

Resumo

Este artigo buscou compreender como a tecnologia se relaciona com a efemeridade e a permanência, redimensionando os sentidos da memória na produção midiática, em

especial no campo do Jornalismo. Faz um regate do conceito memória frente à pluralidade possibilitada pela interface entre mídia, informação, cultura, identidade e história, associada a não espontaneidade da recordação e incorporada à lógica do lembrar/esquecer. Toda essa perspectiva é trazida a luz da construção da memória jornalística, porém sem problematizar a constituição da memória enquanto registro da verdade, até por que isso demandaria um debate entre aspectos biológicos e filosóficos que não cabe no escopo deste estudo.

Palavras-Chave: Jornalismo; Tecnologia; História dos Meios; Efemeridade; Memória; Sociedade Midiática.

Summary

This article sought to understand how technology relates to ephemerality and permanence, resizing the meanings of memory in media production, especially in the field of journalism. It makes a dubbing of the concept memory versus the plurality made possible by the interface between media, information, culture, identity and history, associated with non-spontaneity of recall and incorporated into the logic of remembering / forgetting. All this perspective is brought to light in the construction of journalistic memory, but without problematizing the constitution of memory as a record of truth, why this would demand a debate between biological and philosophical aspects that does not fit within the scope of this study.

Key words: Journalism; Technology; History of Media; Efemeridade; Memory; Media Society.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo comprender cómo la tecnología se relaciona con el carácter efímero y permanente, redefiniendo el significado de las direcciones de memoria en la producción de medios de comunicación, sobre todo en el campo del periodismo. Igualmente, trae lo concepto de memoria frente a la pluralidad posibilitada por la interface entre media, información, cultura, identidad y historia, asociada a la no espontaneidad del recuerdo e incorporada a la lógica del recordar / olvidar. Toda esta perspectiva es traída a la luz de la construcción de la memoria periodística, pero sin problematizar la constitución de la memoria como registro de la verdad, hasta por qué ello demandaría un debate entre aspectos biológicos y filosóficos que no cabe en esto estudio.

Palabras clave: Periodismo; Tecnología; Historia de los medios; efímero; memoria; la sociedad mediática.

Introdução

Embora evidenciada na atualidade, a dicotomia entre efemeridade e permanência sempre esteve presente no Jornalismo enquanto processo de formação e consolidação da memória. Entende-se por memória “[...] a capacidade de armazenar e evocar informação” (Izquierdo, 1988, p. 7). Deste modo, ambos conceitos apresentam aspectos que ajudam a compor a relação entre a natureza e a significação da informação no cotidiano dos indivíduos e, por conseguinte, da própria finalidade do Jornalismo nas sociedades.

A pluralidade possibilitada pela interface entre mídia, informação, cultura, identidade e história, associada a não espontaneidade da recordação e incorporada à lógica do lembrar/esquecer, faz com a sociedade se cerque de registros (dos mais voláteis - como os conteúdos autodestrutivos produzidos nas redes sociais -, aos mais perenes - tais como os grandes acervos de museus e bibliotecas). Em especial, em um momento no qual a quantidade de informações disponíveis é imensa, assim como a velocidade em que elas circulam. Igualmente, o tempo para consumi-las é cada vez mais escasso no contexto neoliberalista do capitalismo contemporâneo que, amparado na exploração da força de trabalho, cria a ilusão de felicidade conquistada pela posse e renovação constante de objetos.

Na estrutura organizativa das sociedades, os apontamentos físicos da memória possuem significância material, funcional e simbólica, consolidando datas comemorativas, celebrações, símbolos, obras de arte, movimentos culturais, pessoas, processos, mídias etc., em espaços sociais que servem como:

[...] palco de decisões políticas, suporte para registros da vida cotidiana (conteúdos jornalísticos, informativos e de entretenimento etc.), e fonte para a experiência de viver (no sentido de se exercitar os sentidos e experimentar emoções)¹, não se pode ignorá-los como espaço de lugares de memória, de exercício de identidade e de arquivo hipertrofiado da era do tempo real e da vida planetária. A mídia atua sempre mais no sentido de multiplicar os lugares de memória e constitui-se ela mesma em um deles na contemporaneidade. (Martinuzzo, 2015, p. 1)

O Jornalismo é um item essencial nessa estrutura, visto que cria registros que destacam do cotidiano determinados acontecimentos, direcionando-lhes a atenção do coletivo. A partir daí, estabelece-se um novo filtro que irá determinar a importância pessoal de cada conteúdo. Tal seletividade requer a “[...] capacidade de escolher uma parte da quantidade infinita de estímulos oferecidos pelo mundo exterior” (Sponholz, 2009, p.91). Portanto, configura-se um processo que é individual e, ao mesmo tempo, socialmente construído.

Assim, o primeiro ponto de tensão entre a efemeridade e a memória na construção do acontecimento jornalístico se dá justamente na importância que lhe é atribuída, primeiramente, por quem produz, depois por quem consome a informação. Ao destacar

do cotidiano o *que*, o *como* e o *por quanto tempo* um acontecimento deve receber atenção, o Jornalismo está, de certa forma, delimitando o lugar que ele ocupará na memória social. Entende-se que isso não se dá de maneira única, visto que o indivíduo tem um papel e uma identidade socialmente constituídos que influenciam na recepção destes conteúdos, deste modo, reconhece-se a “[...] localização da recepção no tempo longo da formação do *habitus* (Bourdieu), dos gostos e dos valores e, portanto, na temporalidade que rege a construção da identidade sociocultural das coletividades e dos indivíduos” (Martín-Barbero, 2008, p.13)

Diante disso, abrem-se diversas perspectivas de estudo que consideram a tríade Jornalismo, efemeridade e memória, tanto no espaço da produção quanto da recepção de notícias. Assim, levantam-se questões sobre o que possibilita o estabelecimento dessa memória, que definiremos como jornalística, em um contexto no qual uma avalanche de informações nos chega de forma incessante? Qual a contribuição real e possível do Jornalismo na construção de uma memória individual e coletiva em um contexto que parece valorizar o efêmero? Qual seria o lugar dessa memória individual fundamentada no conhecimento do tempo presente na construção de um conhecimento comum da história social?

Em outra perspectiva, pode-se discutir tal dicotomia dentro da noção de que o Jornalismo sistematiza e constitui um lugar de memória. Neste sentido, aproximando-se da visão do historiador para observar a produção jornalística como documento da história social e, também, de sua própria (Palacios, 2010). Cabendo, aqui, o questionamento sobre as mudanças que podem ocorrer a partir das possibilidades técnicas e condições culturais que impulsionam a produção e a recepção de conteúdos, cuja efemeridade, além de regra, é um dos atrativos.

Neste estudo, busca-se um ponto de convergência que possibilite compreender como a tecnologia se relaciona com a efemeridade e a permanência, redimensionando os sentidos da memória na produção midiática, em especial no campo do Jornalismo. Para isto, a presente pesquisa parte da compreensão de que, sendo um produto intelectual e social (Meditsch, 2001), o Jornalismo vincula-se diretamente à cultura, constituindo-se um elemento que perpassa a história, a memória e a identidade, de modo que, estes “[...] processos majoritariamente baseados em interfaces comunicativas, ganham, enquanto processos, novos elementos num ambiente de excitação midiática, que potencializa a midiáticação das relações sociais e apresentam novos lugares de memória” (Martinuzzo, 2015, p. 6).

Efemeridade e memória na origem do jornalismo

A prática jornalística é fruto de um processo social e, como tal, não é possível precisar sua data de origem de forma exata. Alguns pesquisadores estabelecem as *Actas*

Diurnas romanas (Sousa, 2017), outros vão além e relacionam a transmissão de notícias de forma escrita, há, ainda, quem inclua a transmissão oral (Kovach; Rosenstiel, 2003). Neste sentido, poderia até se pensar nas pinturas nas cavernas Lascaux como registro do cotidiano e, assim, como lugar de memória no sentido jornalístico. O mesmo vale para as tradições desenvolvidas pela cultura oral. Afinal, a oralidade foi determinante para a circulação de informações, com destaque para o fato de que, “[...] em épocas diferentes e em lugares diferentes, a comunicação oral foi apoiada por diferentes instituições, desempenhou funções diferentes e papéis mais ou menos relevantes no sistema de mídia” (Burke, 2008, p.63).

Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003), por exemplo, apontam que na Grécia já era possível se falar em um pré-jornalismo, visto que surgem os primeiros sinais das notícias em Atenas, relacionados ainda à oralidade. A efemeridade nessa época era superada pelas estratégias de registro da memória, como os poemas orais. Neste sentido, Burke (2008, p.62-63) comenta a influências culturais na permanência mais uniforme do registro, citando os estudos sobre as narrativas cantadas em diferentes momentos históricos como na Grécia Antiga (a *Ilíada* e a *Odisséia*), na Bósnia dos anos 1930, e na Índia.

Mesmo assim, foi com a organização das cidades que as informações, antes transmitidas de maneira interpessoal, passam a serem dadas em praça pública para uma grande quantidade de pessoas simultaneamente. Neste momento, potencializa-se a retransmissão e se caminha para a construção de um sentido comum, baseado em uma mesma fonte de origem. A partir daí, é que, realmente, pode-se começar a considerar a organização da memória coletiva de uma forma mais próxima com o que temos hoje, em especial, no que se refere ao âmbito do processo da memória criada a partir das informações jornalísticas.

Esse sistema oral foi modificado por três revoluções na comunicação: o desenvolvimento da escrita, da imprensa e, finalmente, do que poderíamos chamar, por conveniência, de mídia eletrônica, especialmente o rádio, a televisão e a internet. Em cada caso, a introdução de uma nova mídia mudou o equilíbrio do sistema de comunicação, afetando todos os seus elementos. Nesse sentido, podemos falar de “revolução” (Burke, 2008, p.65).

Quando a informação se propagava apenas por meio da oralidade, o seu alcance espacial e histórico era deveras limitado. Ainda hoje, pode-se afirmar que a oralidade se coloca como desafio que limita tempo e espaço de circulação, embora os meios de comunicação de massa tenham potencializado o alcance das informações e os meios digitais possibilitem a manutenção dos registros sonoros.

Não à toa, a escrita é a invenção que servirá de parâmetro para separar a história da pré-história. É a escrita que vai permitir, inclusive, o armazenamento de informações para além da morte e isto não foi visto com bons olhos por alguns filósofos gregos. Eles

acreditavam que uma das consequências da escrita seria a perda da capacidade humana de armazenar informações por meio da memória (Santaella, 2003).

Influenciado pelos gregos, é que o imperador romano Júlio César cria a *Acta Diurna*, anteriormente mencionada, que já apresentava como características a atualidade e a periodicidade². Além disto, tais publicações possibilitavam a intermediação entre os espaços público e privado. Agora, tendo em vista os parâmetros que caracterizam a prática, pode-se dizer que as primeiras publicações propriamente jornalísticas surgiram na Alemanha – herdeiras das gazetas venezianas – e sua propagação se deu em um contexto de industrial europeu, marcado pela luta entre burgueses e proletários, o que fez com que a notícia, antes controlada pelo Estado e pela Igreja, se tornasse bem de consumo essencial (Lage, 2000). Entende-se o jornalismo como um processo que tem início com a necessidade de transmissão e registro de informações, de modo que, sua evolução caminhou de forma paralela às condições tecnológicas, políticas e culturais de cada época, mediando, sobretudo, as esferas pública e privada.

Sendo assim, é no momento em que a transmissão de informação passa a ser escrita que a ideia do registro das novidades toma forma. No espaço interpessoal, por meio de cartas. No âmbito público, por meio das publicações jornalísticas.

Ainda, a partir do desenvolvimento de uma cultura do registro impresso, a relação entre o pessoal e o coletivo se altera novamente, desta vez, no aspecto da compreensão dos conteúdos. Se a simultaneidade da transmissão oral, que permitiu que um grande número de pessoas tivesse acesso à mesma informação em um mesmo momento, ampliou a possibilidade da construção de um sentido comum, a pessoalidade da leitura do texto escrito caminhou no sentido oposto. A especificidade das linguagens é definidora do processo cognitivo e, no caso da escrita, ainda mais depende de certas habilidades e referenciais individuais do sujeito, fundamentando-se para o que viria a ser característico dos processos de recepção da informação nos primeiros jornais.

Com a escrita, então, a informação alcança espaços antes não possíveis pela ausência espacial do transmissor/receptor e pelas limitações temporais, pois o texto documentado perdura. De forma simultânea, a escrita disponibiliza uma fonte de informação comum que será (re)significada a partir de um processo e em um ambiente mais individualizado. Assim, a relação acesso-periodicidade se torna elemento determinante da efemeridade, como veremos também nos outros meios de comunicação.

A memória no desenvolvimento tecnológico das mídias

É válido destacar que cada país desenvolveu uma relação muito própria com a imprensa. Uma relação que, de alguma maneira, fundamentou-se em aspectos culturais e socioeconômicos, como o nível de letramento da população, as diretrizes religiosas e as políticas de Estado. No Brasil, a permissão para imprimir, veio somente em 1808, com a

chegada da família real portuguesa e sua corte, por exemplo. No entanto, de maneira geral, pode-se afirmar que, até as primeiras décadas do século XX, os jornais impressos reinaram soberanos quando o assunto era informar um grande público. A institucionalização e o registro impresso garantiram certa credibilidade aos fatos, que deixaram de ser caracterizados somente como fala. Por sua vez, foram o apelo da periodicidade e a agilidade em transmitir informações que fizeram com que o impresso, já no século XX, caminhasse em direção aos factuais, às informações urgentes. Um reflexo disso é o fortalecimento do modelo americano de *lead* e sua disseminação na imprensa nacional. Mas, se para o leitor a informação, mesmo no veículo impresso, é volátil (o jornal de hoje é o papel de embrulhar peixe de amanhã), para o registro histórico, político e cultural da sociedade, ela se faz extremamente necessária. Ao documentar o cotidiano, o Jornalismo torna-se fonte para ajudar a reconstruir o passado e a compreender o próprio presente. O jornal impresso, além de informação, passa a ser documento.

Entretanto, conforme destaca Burke, “[...] o que denominamos ‘cultura do impresso’ é, realmente, uma mistura de comunicação oral, escrita, e impressa” (2008, p.75). As mudanças tecnológicas, principalmente, no século XX, transformaram paulatinamente este modelo de ligação entre as mídias e a permanência de seus conteúdos.

Com o advento da fotografia, depois do cinema, ou do cinematógrafo, os registros de imagens e os sons deslumbraram as sociedades. Em princípio, acreditava-se que isto possibilitaria o retrato de uma realidade primária, cujo status seria epistemológico objetivo (Sponholz, 2009, p.88). Também no Jornalismo, a força de verdade da imagem foi construída a partir deste argumento. Contudo, ao discutir tal relação direta com a realidade é preciso considerar que memória e conhecimento se colocam como conceitos que caminham paralelos ao de verdade no que se refere ao sentido de uma informação em determinado contexto histórico-social. Paul Ricoeur (2013) explica que, por influência de um pensamento empirista e racionalista, tende-se a aliar a memória a uma representação imagética. Esta representação poderia ser construída pela experiência direta, mas também a partir do que é transmitido por fontes secundárias (mediadas), como o Jornalismo. Pode-se entender que, deste modo, a memória parece mais verossímil quando baseada em imagens do que em textos, visto que estes acabam por depender ainda mais da interferência do nosso repertório de estereótipos (Lippmann, 2008). No entanto, o autor afirma que a constituição da memória se dá na região da imaginação, assim:

[...] esta especie de cortocircuito entre memoria e imagen se coloca precisamente bajo El signo de la asociación de las ideas: si estas dos afecciones se unen por contigüidad, evocar una – por tanto, imaginar-, es evocar la otra, por tanto, acordarse de Ella. La memoria reducida a la rememoración, opera siguiendo las huellas de la imaginación. Pero la imaginación, considerada en sí misma, está situada en la parte inferior de la escala de los modos de conocimiento, como una de las afecciones sometidas al régimen de encadenamiento de las cosas exteriores al cuerpo humano. (Ricoeur, 2013, p.21)

Sem problematizar a constituição da memória enquanto registro da verdade, até por que isso demandaria um debate entre aspectos biológicos e filosóficos que não cabe no escopo deste estudo, pode-se afirmar que, tanto quanto a linguagem impressa, a visual altera a percepção do receptor sobre a informação. Conforme comentado, o entendimento sobre o conceito de realidade da imagem vai permanecer como força de credibilidade para o registro e a memória na produção do jornalismo fotográfico e televisivo, por exemplo. Ainda, que, hoje, discutam-se questões como o enquadramento.

A modernidade foi uma época de crescente oferta de produtos tecnológicos relacionados a esta nova realidade e necessidade de consumo, dentre eles: câmeras fotográficas, projetores e aparelhos sonoros. O rádio, como se conhece hoje, foi possibilitado por uma série de descobertas científicas, em especial, a partir de estudos sobre ondas eletromagnéticas realizados no campo da Física desde o século XIX. Concebido como um meio de comunicação exclusivamente sonoro, com caráter instantâneo, cuja recepção é possibilitada apenas no tempo real, ou seja, ao mesmo tempo da transmissão. Neste sentido, a efemeridade é intrínseca ao rádio.

A produção radiofônica integra uma cultura oral, que restringe a palavra ao som e, de acordo com Walter Ong, isto determina não somente os modos de expressão, mas, também os processos de pensamento (2006, p.40). Para o autor,

[...] toda sensación tiene lugar en el tiempo, pero el sonido guarda una relación especial con el tiempo, distinta de los demás campos que se registran en la percepción humana. El sonido solo existe cuando abandona la existencia. No es simplemente preceder sino, en esencia, evanescente, y se le percibe de esta manera. Cuando pronuncio la palabra “permanencia”, para cuando llego a ‘-nencia’, ‘perma-’ ha dejado de existir y forzosamente se ha perdido. (Ong, 2006, p.38)

Os condicionantes da linguagem radiofônica, considerando as possíveis influências do jornalismo na construção da memória, passam primeiro pela especificidade da escuta. No início, o rádio era peça central na sala de estar, colocando-se como centro das atenções da família em momentos de audição coletiva. Contudo, ao longo da história, esse hábito foi se tornando cada vez mais individualizado e portátil. Deste modo, se antes o rádio era o centro das atenções, agora ele se torna pano de fundo para a realização de diversas atividades. Esta variação na atenção da audiência influencia no processo cognitivo e, por conseguinte, na formação da memória. Conforme explica Martín-Barbero: “[...] o modo de relacionamento com os objetos, com a linguagem ou com os saberes depende de seu modo de aquisição” (2008, p.243). O autor conta que foi observando a fala de camponeses sobre a vida cotidiana que aprendeu que a oralidade é uma forma de cultura. “É o capital cultural, esse capital simbólico que emerge da trajetória de vida, que vai configurando o *habitus*, esse sistema de disposições duráveis, que, através de experiências e memórias, possibilitará ou será um obstáculo para a criatividade, a capacidade de inovação dos sujeitos (Martín-Barbero, 2008, p. 244)

A partir desta perspectiva, é possível estabelecer um diálogo entre as considerações anteriormente referenciadas e estabelecer que

[...] o rádio pode evocar imagens visuais no ouvinte, mas não só visuais. Nossa memória não é um arquivo de slides, guarda também olfatos, sabores, sensações táteis e melodias. Guarda principalmente nossa compreensão e nossas emoções a respeito dos fatos da vida. A linguagem do rádio evoca facilmente tudo isso. (Meditsch, 1995, p.7)

Assim, sendo a memória radicalmente singular, mas baseada no vínculo original da consciência com o passado e orientadora da passagem do tempo, conforme descreve Ricoeur (2013, p.128-129), a periodicidade, enquanto característica fundamental da produção, da linguagem e da recepção das informações mediadas pelos meios de comunicação, coloca-se como elemento determinante entre o esquecer e o memorizar (aqui, não no sentido de decorar, mas de recordar quando necessário).

Neste sentido, ao contrário do jornal, com sua periodicidade variável e bem demarcada, o rádio estabelece outra relação com o tempo, muito mais próxima da que os indivíduos estabelecem com o seu cotidiano. Considera-se o dia e suas horas como unidade. Isto é mais facilmente observado na recepção, mas, também, pode ser observado nas rotinas de produção jornalística que, “[...] produz e reproduz, ao mesmo tempo, o excesso de informação e a escassez de sentido na sociedade. Principalmente no radiojornalismo, especialmente no *all news* (...). O veículo precisa resignificar a si próprio, re-utilizando todo seu potencial expressivo para transferir sentidos” (Baumworcel, 2001, p.114-115).

Ainda, neste ambiente do imediatismo do tempo real, o rádio se preocupa pouco com o registro de sua memória. Haja vista a inexistência de arquivos históricos sobre a maior parte de sua programação. Embora se observe que a tecnologia avançou no sentido de facilitar as rotinas (não é mais preciso cortar fitas de rolo para editar, por exemplo), bem como o armazenamento, a salvaguarda dos conteúdos sonoros está muito aquém dos meios impressos. Com destaque para o fato de que a disponibilização deste conteúdo pela internet, quando se dá, é feita de forma a repartir os conteúdos, tirando-lhes da sequência e, por conseguinte, de um contexto lógico original.

Quase em paralelo ao rádio, foram realizadas as primeiras transmissões televisivas experimentais. Os experimentos de transmissões de imagens e sons foram realizados em 1926, na Inglaterra e Japão, e nos Estados Unidos, em 1927. Com a progressiva melhoria técnica desta tecnologia, surgiram as primeiras emissoras e, conseqüentemente, os primeiros programas televisivos. No Brasil, por exemplo, a chegada da televisão se deu por iniciativa do empresário Assis Chateaubriand, em 1950. Nos primeiros programas televisivos brasileiros, eram marcantes algumas características radiofônicas, tais como “[...] a subordinação total dos programas aos interesses e estratégias dos patrocinadores” (Priolli *apud* Rezende, 2000, p. 106). Aos poucos, a televisão foi compreendendo o seu

potencial e explorando formatos próprios, aliando imagem e som. Assim, sendo uma linguagem audiovisual, entende-se que a televisão agrega boa parte das especificidades da imagem e do som anteriormente comentadas. Neste sentido, é possível estabelecer um paralelo com as considerações de Ong (2006) sobre a oralidade, no que se refere ao componente somático que diferenciaria o processo de constituição de sua memória. De acordo com o autor, “[...] la palabra oral, como hemos notado, nunca existe dentro de un contexto simplemente verbal, como sucede con la palabra escrita. Las palabras habladas siempre constituyen modificaciones de una situación existencial, total, que invariablemente envuelve el cuerpo”. (Ong, 2006, p. 71)

Vale ressaltar que a televisão, bem como o rádio, era toda feita ao vivo no início. No surgimento de ambos, as possibilidades de armazenamento do material produzido eram reduzidas. Com o tempo, o armazenamento passa a ser uma prática usual, com mudanças técnicas que permitiram fazer isso em dispositivos cada vez menores e mais potentes. Segundo Lipovetsky “[...] a revolução da leveza gerou finalmente um fluxo de dados que não cessa de aumentar e cujos volumes são tão gigantescos que exigem novos armazenamentos, de gerenciamento e exploração”. (Lipovetsky, 2016, p. 132)

De conteúdo essencialmente efêmero, como o rádio, a linguagem televisiva ganha um elemento potencializador na construção da memória, a imagem. Como no cinema, entendida como registro do real, e no jornalismo criando a ideia de “testemunha ocular da história”. Com o advento da internet, por exemplo, conteúdos produzidos para a televisão e rádio são rapidamente disponibilizados na web logo após a transmissão. Tal relação entre mídia e memória é potencializada em capacidade de armazenamento, mas, como poderá ser visto no próximo tópico, guardar ou registrar não têm se mostrado como uma preocupação tão latente na atual sociedade hipermoderna³.

Permanência e esquecimento no ambiente virtual

Já no fim da década de 1960 surge a internet, que mais tarde, possibilitaria a comunicação pelos mais diferentes meios (texto, imagem e som), com o adicional de permitir a interação e reconfigurar a exclusividade de produção de conteúdo por parte dos grandes veículos de comunicação. A internet começou em 1969, quando o Departamento de Defesa norte-americano por meio da Agência de Pesquisa e Projetos Avançados (ARPA) criou a *Arpanet*, que, até então, era apenas uma rede de computadores que ajudaria a manter a comunicação em caso de ataque em tempos de guerra (Ferrari, 2010). No final da década de 1980, mais precisamente em 1989, Tim Berners-Lee cria a *World Wide Web* (www), influenciando a versão gráfica que a internet estava adquirindo. Com o passar dos anos, surgem os portais. Tem-se a necessidade do profissional multimídia, ou seja, que domina a boa escrita, a fotografia, a edição de vídeo e áudio e conhece os mais diversos softwares.

Além de um meio original, a internet possibilita a convergência e se torna suporte para os conteúdos jornalísticos ancorados nas linguagens dos outros meios.

Outra consequência do surgimento da internet foi o aparecimento das redes sociais. O lançamento do GeoCities, no ano de 1994, acabou por dar os primeiros passos para o que hoje se conhece enquanto redes sociais. A ideia era que, por meio dele, os usuários pudessem criar suas próprias páginas na web, tudo sendo devidamente organizado de acordo com a localização. O GeoCities chegou a ter 38 milhões de usuários. Ele foi comprado pela Yahoo! E no ano de 2009 foi encerrado. Desde então, a premissa de permitir a formação de redes, tendo com definidores pontos de convergência entre seus participantes passou a nortear a criação desses softwares sociais, que se popularizaram a partir dos anos 2000. As redes sociais passaram a concentrar uma quantidade expressiva de usuários e a diversificar cada vez mais nos serviços. Em 2002, nasceram o *Fotolog*⁴ e o *Friendster*⁵. O primeiro voltado à valorização das fotografias, como o próprio nome antecipa, e o segundo para o estabelecimento de amizades. E, mais recentemente, surgiram o *Orkut*, *Twitter*, *Facebook*, *Instagram* e *Snapchat*. Segundo Raquel Recuero,

[...] o surgimento dos chamados sites de redes sociais, a partir da década de 90, complexificou ainda os fluxos informacionais. Sites de redes sociais foram definidos por Boyd & Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem: i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. Os sites de redes sociais seriam uma categoria do grupo de softwares sociais, que seriam softwares com aplicação direta para a comunicação mediada por computador. Embora esses elementos sejam mais focados na estrutura do sistema utilizado pelos autores é, entretanto, na apropriação que reside a principal diferença entre os dois tipos de site. (Recuero, 2009, p. 121)

Cada uma dessas redes sociais permite um tipo de comunicação, um modo transmitir informações e produzir conteúdo. Mas uma merece especial atenção neste artigo: o *Snapchat*. Isto porque esta rede permitiu a produção de narrativas audiovisuais com uma limitação de tempo de 10 segundos e que se autodestruíam ao atingir às 24h. A regra passa a ser a da produção de conteúdo autodestrutível. E isto se firma de tal forma no mercado das redes sociais, que outras passam a adaptar suas plataformas para receber este tipo de possibilidade comunicativa, o que permite entender tal mudança como uma tendência comunicacional e empresarial. O *Facebook*, o *Instagram* e, até mesmo o aplicativo de mensagens *Whatsapp*, passam a permitir a criação de conteúdo audiovisual efêmero.

Desta forma, tal rede subverte uma lógica estabelecida pela potencialidade da internet, de que é possível realizar o armazenamento infinito do conteúdo produzido pelos mais diversos usuários. A internet permitiu não só uma maior acumulação de informações, bem como fez com que isso fosse mais viável técnica e economicamente. Como destaca Marcos Palácios,

[...] a Memória no Jornalismo na Web pode ser recuperada tanto pelo Produtor da informação, quanto pelo Utente, através de arquivos online providos com motores de busca (search engines) que permitem múltiplos cruzamentos de palavras-chaves e datas (indexação). Sem limitações de espaço, numa situação de extrema rapidez de acesso e alimentação (Instantaneidade e Interactividade) e de grande flexibilidade combinatória (Hipertextualidade), o Jornalismo tem na Web a sua primeira forma de Memória Múltipla, Instantânea e Cumulativa. (Palacios, 2010, p. 6)

Se no início do surgimento do rádio e da televisão a efemeridade era uma consequência da programação ao vivo, aliada à falta de possibilidades tecnológicas de armazenamento, agora, trata-se de uma opção. Escolhe-se o esquecimento do conteúdo em detrimento da memória, em especial no sentido da criação e manutenção de um acervo da produção. Entretanto, mesmo configurando-se uma estratégia, o carácter transitório das informações jornalísticas digitais não se diferencia, em essência, do que caracterizou a produção dos meios eletrônicos no que se refere ao processo cognitivo e de construção de uma memória nos âmbitos individual e coletivo. Neste aspecto, elementos como a quebra de um fluxo sequencial pré-determinado e a interatividade podem igualmente fornecer pistas para a compreensão do que constitui a memória nesse ambiente.

Deve-se considerar que há um estímulo à leveza na base da sociedade hipermoderna. Nesta nova era, as lógicas de diversificação e renovação da cultura de massa são potencialmente elevadas, demarcando-a como “[...] uma das peças do universo mercantil, generalizando o transitório e o perecível, a facilidade e o imediatismo consumista” (Lipovetsky; Serroy, 2011, p. 72-73).

Deste modo, o não armazenamento enquanto escolha se apresenta como pertinente em uma sociedade marcada por laços eletrônicos, que são criados para “apagar, reescrever e escrever por cima” (Bauman, 2011, p. 25). Na hipermodernidade, os consumidores, inclusive os de Jornalismo, anseiam pelo novo, o breve e o facilmente substituível, pois há pouco espaço para a perenidade em suas vidas, nos tempos atuais.

Considerações finais

A partir do presente estudo, buscou-se compreender como o desenvolvimento tecnológico influenciou, e por vezes determinou, as relações que se estabelecem entre a efemeridade e a permanência na produção midiática, especialmente, a jornalística. Neste sentido, considera-se que tal processo é parte da cultura social e, por esta razão é moldado por processos coletivos e individuais de construção da memória pessoal e do próprio meio.

Observou-se que o delineamento, as escolhas, os formatos, as sistematizações e as definições espaço-temporais dessa produção fundamentam o rito da memória, como um elemento importante de um processo dinâmico de “[...] sileciamento e evidenciação de vestígios”, assim, “[...] a memória é elemento inserido no jogo de poder que faz

caminhar a humanidade. Nesse sentido, deve-se ter claro que memória não é coisa do passado, mas artimanha do presente, resultante do processo de lembrar e esquecer o que passou, tendo em vista o que virá”. (Martinuzzo, 2015, p. 1)

A memória, aqui delimitada na constante disputa entre a efemeridade e a permanência dos conteúdos jornalísticos, foi abordada como resultado de um processo cognitivo e como capacidade de manutenção de registro documental no decorrer da história de cada meio de comunicação, principalmente, considerando suas especificidades linguísticas e técnicas. Acredita-se que “[...] numa realidade em que as interfaces são crescentemente midiáticas, a comunicação tem sua relevância ampliada a cada dia no eterno jogo de lembrar e esquecer, na experiência de existir”. (Martinuzzo, 2015, p. 5). Em um contexto de ampliação da capacidade de armazenamento e de efervescência de conteúdos, o esquecimento pode até ser entendido enquanto uma estratégia.

Referências

- Bauman, Z. (2011). *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Baumworcel, A. (2001). Radiojornalismo e sentido no novo milênio. IN: Moreira, S. V.; Del Bianco, N. R. *Desafios do rádio no século XXI*. São Paulo: Intercom, Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- Burke, P. A. (2008). Comunicação na história. In: A. P. Ribeiro, & M. (. Herschmann, *Comunicação e história: interfaces e novas abordagens* (pp. 61-82). Rio de Janeiro: Mauad/Globo Universidade.
- Castells, M. (2001). *A galaxia da internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. São Paulo: Zahar.
- Ferrari, P. (2010). *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto.
- Izquierdo, I. (1988). The organization of memories into "files". In: J. Delacour, & J. C. Levy, *Systems with learning and memory abilities* (pp. 105-126). Amsterdam: North Holland.
- Kovach, B., & Rosenstiel, T. (2003). *Os elementos do jornalismo*. São Paulo: Geração.
- Lage, N. (2000). *Estrutura da notícia. Séries Princípios*. São Paulo: Ática.
- Lipovetsky, G. (2016). *Da leveza: rumo a uma civilização sem peso*. São Paulo: Manole.
- Lipovetsky, G., & Serroy, J. (2011). *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Cia das Letras.
- Lippmann, W. (2008). *Opinião Pública*. Petrópolis: Vozes.

- Lowenthal, D. (1998). Como conhecemos o passado. (P. d.-G. PUC-SP, Ed.)
- Martín-Barbero, J. (2008). Saberes hoje: disseminações, competências e transversalidades. In: A. P. Ribeiro, & M. (. Herschmann, *Comunicação e história: interfaces e novas abordagens* (pp. 237-252). Rio de Janeiro: Mauad/Globo Universidade.
- Martinuzzo, J. A. (2015). *Mídia e memória. Estudantes de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo escrevem a história da Comunicação capixaba*. Acesso em 01 de 05 de 2017, disponível em José Antonio Martinuzzo: <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/midia-e-memoria-a-historia-da-cmunicacao-capixaba-jose-antonio-martinuzzo>
- Meditsch, E. (1995, nov de 1995). *Bocc*. Acesso em jan de 2017, disponível em Bocc: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduard-meias-verdades.pdf>
- Meditsch, E. (2001). *O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo*. Florianópolis: Insular/UFSC.
- Ong, W. J. (2006). *Oralidade y escritura: tecnologias de la palabra*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Palacios, M. (2010). *Matrizes*. Acesso em mar de 2017, disponível em Jornalismo/USP: <http://www.journals.usp.br/matrizes>
- Recuero, R. (abr de 2009). Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. *Revista Famecos*.
- Rezende, G. J. (2000). *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus.
- Ricoeur, P. (2013). *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Rizzini, C. (1977). *O jornalismo antes da tipografia*. São Paulo: Cia Editora Nacional.
- Santaella, L. (2003). *O que é semiótica. 2ª ed*. São Paulo: Brasiliense.
- Sodre, M. (2002). *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes.
- Sousa, J. P. (jan de 2017). *Bocc*. Acesso em jun de 2017, disponível em Bocc: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>
- Sponholz, L. (2009). *Jornalismo, conhecimento e objetividade: além do espelho e das construções*. Florianópolis: Insular.

Notas

¹ A noosfera midiática é a base do que Castells (2001) denomina de “cultura da virtualidade real”. Cultura engendrada por um sistema de comunicação “em que a própria realidade (a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência” (p. 395). De acordo com Sodré (2002), as tecnologias digitais de comunica o viabilizam a institui o de um *ethos* (costume, hábito, regra, espaço de realiza o da a o humana) midiaticizado na contemporaneidade. A sociedade atual “[...] rege-se pela midiaticiza o, pela tendência   ‘virtualiza o’ ou telerrealiza o das rela oes humanas” (p. 21), conclui.

² Segundo Carlos Rizzini: “A princípio os acontecimentos importantes eram publicados em Roma numa tábua branca, *Album*, pendurada o ano todo no muro da resistência do grande pontífice. Da sua sequência, resultaram os *Annales maximi*, ponto de partida da história romana. Ao assumir o consulado, em 69 a.C. alterou Júlio César tão rudimentar meio oficial de informa o, determinando fossem diariamente redigidos e publicados os atos do povo e os do Senado. Fingindo servir a democracia, mas de fato sacrificando-a às suas ambi oes, visava o futuro do ditador a desmoralizar o Senado, expondo-lhe dissídios e conflitos até então encobertos inviolável sigilo. Deve-se a esses subalterno propósito uma iniciativa que o andar dos séculos erigiria em direito fundamental dos povos: o exame e a crítica das resolu oes do Estado” (1977, p. 4-5).

³ Para Gillies Lipovetsky, trata-se de um segundo momento da modernidade. Ele concorda com o termo “líquido”, alcunhado por Zygmunt Bauman, para categorizá-lo. Segundo Lipovetsky “[...] na era hipermoderna, a vida dos indivíduos   marcada pela instabilidade, pois está entregue   mudança perpétua, ao ef mero, ao ‘mudancismo’” (2016, p. 22).

⁴ Rede social lançada em maio de 2002. Nela, os usuários podiam carregar fotos e, assim, compartilhá-las com os amigos. Encerrou suas atividades no dia 20 de fevereiro deste ano.

⁵ Rede social fundada em 2002 por Jonathan Abrams, em Mountain View, no estado da Califórnia (EUA). Segue preceitos parecidos com o do Orkut e Facebook.